

Uma Compreensão de Educação do Campo que Vincula a Identidade da Escola à Valorização da Vida Camponesa: Práticas Pedagógicas na Escola Municipal Rural de São Joãozinho- APA de Guaratuba-PR

FERREIRA, Marcia Regina. Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, marciaregina@ufpr.br;
NEGRELLE, Raquel R. B. Universidade Federal do Paraná, negrelle@ufpr.br; ZANATTA, Renan A. F.
Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, renan.zanatta@hotmail.com; SCHAPPO, Sirlândia.
Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, sschapo@ufpr.br

Resumo

Este relato de experiência tem como objetivo descrever as práticas pedagógicas que são desenvolvidas desde junho de 2008 na Escola Rural de São Joãozinho, com crianças de 07 a 11 anos de uma sala multiseriada, de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, o qual visa a valorização da cultura das pessoas que vivem no campo, pois a cultura é muito importante para o desenvolvimento comunitário, assim como sua identidade. Esse processo dialógico de atividades com as crianças e o envolvimento dos pais no processo de ensino e aprendizagem a partir do reconhecimento e valorização da cultura e da identidade, trouxeram a valorização dos saberes locais, auto-estima das crianças e o comprometimento dos pais nas atividades escolares, ampliando o espaço formativo dos educandos e dos próprios pais.

Palavras-chave: Cultura, educação diferenciada, aprendizagem.

Contexto

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes dos próprios estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuro. Desta forma, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (CNE/CEB, 2002) destacam e incentivam a construção de projetos institucionais que devam ser a expressão do trabalho compartilhado e constituindo-se num espaço público de investigação e articulação de experiências e estudos.

Nesta perspectiva acerca da educação do campo que visa à valorização do modo de ser (identidade social e auto-identidade), e da cultura das comunidades rurais que vivem especificamente na floresta, é que surge o projeto de extensão universitária intitulado: *Cultura e Identidade - elementos necessários na prática pedagógica e para o fortalecimento do local*, com o objetivo geral de fortalecer os espaços de diálogos do campo, por meio de atividades na Escola Rural Municipal Paulo Saporski de São Joãozinho, como um lugar de vida, de aprendizado, de trabalho, de construção de significados, saberes e cultura que precisam ser reconhecidos e valorizados pela própria comunidade rural e acadêmica da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Litoral.

Além disso, possui como objetivos específicos:

- a) realizar atividades voltadas à promoção de diálogos dos envolvidos com a educação fundamental na comunidade rural de São Joãozinho em Guaratuba-Pr e com a comunidade acadêmica, proporcionando a troca de saberes em uma perspectiva de educação dialógica, crítica participativa e emancipatória, a qual possa reconhecer a diversidade sociocultural do campo e suas especificidades;
- b) promover o diálogo nos cursos de graduação da UFPR-Litoral sobre a educação do campo e a realidade da comunidade rural de São Joãozinho, como medida estratégica de inclusão social no campo, geração de cultura e identidade nas famílias;
- c) trabalhar a cooperação (escola, comunidade e universidade) por meio da elaboração participativa do Projeto Político Pedagógico da Escola Rural de São Joãozinho;

Resumos do VI CBA e II CLAA

d) divulgar os resultados dos trabalhos desenvolvidos através de seminários, oficinas, publicações e a sistematização de argumentos para a elaboração de Políticas Públicas para a Educação do Campo.

São com esses objetivos que se desenvolvem as atividades na Escola Municipal Rural da Comunidade de São Joãozinho, a qual esta localizada dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA) – definida como Unidade de Conservação de uso sustentável (Figura 1). Esta APA abrange a bacia da baía de Guaratuba e foi criada em 1992, possui área de aproximadamente 200 mil hectares, englobando o município de Guaratuba na sua totalidade e parte dos municípios de Matinhos, Tijucas do Sul, São José dos Pinhais e Morretes.

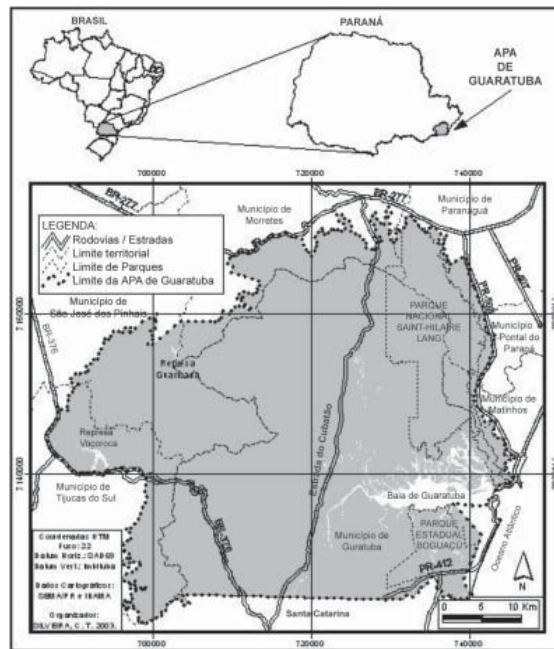


FIGURA 1. Área de Proteção Ambiental de Guaratuba-PR/Comunidade de São Joãozinho.

Segundo o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) (2006) a Unidade de Guaratuba pertencente à APA, possui características importantes da atividade agrícola e pecuária no município, especialmente as comunidades da região do entorno da estrada de Cubatão/Limeira (comunidade do Cauvi, Taquaruvu, Pai Paulo, Rio da Melo, Cubatão, Rasgado, Rasgadinho e Limeira) e região Sul da Baía de Guaratuba (Riozinho, São Joãozinho e Descoberto). É na região sul da Baía que esta localizada a Escola Municipal Rural onde o trabalho foi desenvolvido. Na qual vivem 26 famílias, sendo a sua maioria constituída de agricultores familiares, tendo suas atividades voltadas para o cultivo da mandioca, a produção de farinha de mandioca, a pesca, o extrativismo do cipó-preto (*Philodendron corcovadense Kunth*) e o musgo (*Sphagnum SP*). Dessas famílias, cerca de 70%, sobrevivem na floresta Atlântica a partir da venda dos produtos florestais não madeiráveis como o cipó-preto para a confecção de cestarias e o musgo para arranjos fúnebres.

Descrição da Experiência

Nessa proposta de interação da Universidade com a educação básica por meio da extensão universitária, o primeiro passo foi ter como princípio norteador o respeito à especificidade do campo e à diversidade de seus sujeitos. Sabe-se que a escola precisa incorporar atividades que envolvam as formas específicas de produção de saberes, conhecimentos, ciência, tecnologias, valores, culturas de cada comunidade e, que a educação desses diferentes grupos tem

Resumos do VI CBA e II CLAA

especificidades que devem ser respeitadas e incorporadas nas políticas públicas e no projeto político-pedagógico da Educação do Campo (SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO, 2006). No entanto, os livros didáticos elaborados para as séries iniciais do ensino fundamental, essas especificidades dos povos que vivem na floresta não aparecem, embora esse conteúdo seja extremamente importante para a formação social do educando por enfatizar a valorização da agricultura familiar e em especial a produção rural familiar com enfoque no extrativismo.

Dessa forma, a partir do conhecimento dessa realidade, buscou-se trazer estes elementos como base para a prática pedagógica da professora em sala de aula, a fim de proporcionar por meio desses encontros o desenvolvimento do educando e a produção de conhecimentos sobre o mundo social vivido. O qual é desenvolvido em vários espaços de aprendizado.

Sendo assim, a Escola Rural de São Joãozinho organizou espaços de diálogos por meio de atividades pedagógicas com elementos da identidade e cultura do local, para que os estudantes pudessem desenvolver um conhecimento mais amplo sobre si mesmo, sobre sua comunidade e a realidade local. Para que, por meio dessas práticas dialógicas formassem um conhecimento construído coletivamente sobre onde moram, o que plantam, o que extraem da floresta, como coletam, como colhem, como se organizam, quais são as relações de parentesco existentes dentro da comunidade rural.

A metodologia, baseada em Paulo Freire, é desenvolvida com base no trinômio conhecer, analisar e transformar, que leva as crianças a conhecerem a realidade do seu entorno (experiência concreta com o meio físico e social), refletir e criar conhecimentos a partir dela, para buscar, com a família e a comunidade, formas de valorização da agricultura familiar e fortalecimento de sua identidade social e individual (reconstrução da realidade).

O projeto de extensão universitária ainda está em andamento e envolveram-se nas atividades os 11 estudantes da escola, a professora, a merendeira, a zeladora e mais 24 famílias, inclusive pais e mães de ex-alunos do ensino fundamental desta escola rural. As atividades foram realizadas com os educandos durante a semana e as atividades que envolviam a presença dos pais foram realizadas aos sábados à tarde na própria escola.

A Primeira atividade desenvolvida abordava temas como: Onde eu moro? O que esse lugar tem de vegetação (natural) e o que tem de plantação (feita pelo ser humano)? A partir da utilização de mapas do Mundo, do Brasil, do Estado do Paraná e do litoral paranaense onde está situada a APA de Guaratuba, as crianças de 07 a 11 anos precisaram pesquisar, dialogar entre eles para encontrar “onde eu estou?” da escala global à local. Em atividade extra-sala, desenvolveram pesquisas com os pais, a fim de saberem o que as famílias cultivavam (plantavam) e coletavam da floresta.

Em outro momento realizou-se a atividade de cartografia social (educandos e pais), onde as crianças trabalharam a elaboração de um mapa sobre a posição e a organização das casas na comunidade rural, a relação de parentesco entre os membros da comunidade e os espaços de encontros coletivos, como escola e igreja (*figura 2*). Os pais e membros da comunidade foram organizados em vários grupos para a elaboração do mapa social sobre o lugar onde vivem. Os grupos desenvolveram quatro mapas, um sobre os produtos florestais não - madeiráveis que são extraídos da floresta, outro sobre quais as plantas existentes, um terceiro sobre os animais encontrados na comunidade (*figura 3*), e o quarto mapa com a descrição do tipo de agricultura desenvolvida na comunidade.



FIGURA 2. Atividade pedagógica com as crianças sobre a elaboração do mapa social da comunidade.



FIGURA 3. Atividade Pedagógica com os membros da Comunidade Rural de São Joãozinho sobre o lugar que vivem.

Resultados

Rever os métodos e práticas pedagógicas fomentou novas atitudes nos educandos e pais dos educandos. As atividades geraram um desenvolvimento cultural por meio do auto-conhecimento e auto-estima pelo lugar que vivem. As crianças conseguiram organizar o seu conhecimento sobre escalas e obteve-se um diálogo com os pais sobre onde eles moram e porque esse lugar chama-se Floresta Atlântica. Nessas atividades os educandos apreenderam a diferença do que cresce naturalmente em um lugar (floresta nativa) e o que é cultivado pelo homem, assim como iniciaram uma reflexão com os pais sobre a importância da contribuição da agricultura familiar extrativista para a preservação das florestas pelo reconhecimento do caráter multifuncional da agricultura familiar.

As atividades desenvolvidas trouxeram como resultado uma interação maior das famílias da comunidade rural com o ambiente escolar. Nos encontros era comum ouvir dos pais dos estudantes, que já estão na quarta geração vivendo na floresta, que nunca haviam realizado uma discussão sobre o lugar onde vivem, assim como o valor de seu trabalho como extrativista dos produtos florestais não-madeiráveis. Também trouxe à tona que as crianças do campo têm seus saberes locais construídos, pois acompanham o ciclo produtivo das plantas, sabem o que comem e o que é produzido na unidade familiar. Nesse sentido, as práticas pedagógicas criaram espaços de diálogo entre pais e filhos sobre o cotidiano do lugar que se vive e evidenciaram e valorizaram esses saberes, assim como apontam e auxiliam para a construção de uma identidade local, a qual contribui para o desenvolvimento humano, para o capital social e conseqüentemente o desenvolvimento da comunidade.

Referências

DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DAS ESCOLAS DO CAMPO. Brasília: CNE/MRC, 2002.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. *Diretrizes curriculares da educação do campo*. Curitiba: MEMVAVMEM, 2006.